



"MESTIÇO"

grandeza. E por isso talvez é que elle tende para a monumentalidade escultórica. Não quero dizer com isto que elle vá abandonar a pintura pela escultura, não creio. Mas as obras delle, si apresentam utilizações coloridas da superfície tão esplendidas como "natureza morta" (n. 21), na crível "Natureza morta" (n. 21), tão audaciosas como no "Retrato" (n. 28) que tem um rosto duma impressionante vida interior; tendem cada vez mais á utilização do peso e do volume das formas. O sóco da Venus de Milo na "Natureza morta" (n. 21), os colonos no "Café", a propria massa do "Morro" grande, não pesam, são superficie. Mas já neste "Morro", certos elementos como o bezourente avião transatlântico, unico phantasma sonôro (faz uma bu-lha...) da obra de Portinari, revelam a lei da attracção. E isso culmina nessa monumental figura do "Mestizo", obra prima, que aturde na sua maravilhosa força expressiva, doloroso nos estygmás de bondade, de paciência e de imbecilidade que leva, soffrido nessas mãos de trabalho em que a "neue Sachlichkeit" não esqueceu de ennegrecer as unhas, mas ao mesmo tempo obra de arte esplendida em que o óleo, sem desmentir á sua natureza, consegue no entanto um peso e uma eternidade de bronze. E o "Preto da Enxada" não lhe fica quasi nada atrás.

Eu sei que para a amedrontada circumspecção paulista estes meus elogios poderão parecer excessivos. Mas Portinari é um artista no Brasil como em qualquer parte do mundo. Si, na sua mocidade, elle ainda não fez obra propriamente de criação original, a sua phase mais recente já denuncia um cunho individual que me parece personalissimo. Mas não é o individualismo que torna uma obra realmente original, é a sua força. E eu não hesitarei jámais em nomear um grande artista, desde que os impulsos mais sinceros de todo o meu sêr me le-varem a designá-lo.

como o pequeno "Morro" (n. 12) ou como o "Forvetero", a applicação minuciosamente calculada das perspectivas, a disposição das massas, a distribuição dos tons quentes, frios ou neutros, a salientação voluntaria dos volumes, criam composições duma logica tão rija, que esses quadros têm certo quê de monumental, de força escultórica. A habilidade de composição de Portinari é realmente extraordinária aliás. No "Café", no grande "Morro" (n. 9) (em que me desagradam um bocado o enchimento neutro do telhado de zinco no primeiro plano e a inquietação movimentada do ultimo plano), na linda "Natureza morta" (n. 21), na chri-quesca "Prata" em tons quentes, ou no esplendido retrato de "Francisco Lequie", a gente percebe a



Prata